

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JHONAN LUIZ ANDRADE DOS SANTOS

**DECADÊNCIAS URBANAS:
ENSAIOS DE UMA ONTOLOGIA EM RUÍNAS**

Maceió/AL – 2026

JHONAN LUIZ ANDRADE DOS SANTOS

DECADÊNCIAS URBANAS:
ENSAIOS DE UMA ONTOLOGIA EM RUÍNAS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Lázaro Batista da Fonseca

Maceió/AL – 2026


TERMO DE APROVAÇÃO

JHONAN LUIZ ANDRADE DOS SANTOS

Título do Trabalho: ***DECADÊNCIAS URBANAS: ENSAIOS DE UMA ONTOLOGIA EM RUÍNAS.***


Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:


Documento assinado digitalmente
 **LAZARO BATISTA DA FONSECA**
Data: 24/04/2026 13:01:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Lázaro Batista da Fonseca (PPGP/UFAL)


Examinadores:

Documento assinado digitalmente
 **DANICHI HAUSEN MIZOGUCHI**
Data: 22/04/2026 19:49:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi (PPGP/UFF)

Documento assinado digitalmente
 **HELMIR OLIVEIRA RODRIGUES**
Data: 22/04/2026 21:59:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Helmir Oliveira Rodrigues (UFS)

Documento assinado digitalmente
 **SAULO LUDERS FERNANDES**
Data: 24/04/2026 11:00:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Saulo Luders Fernandes (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 13 de abril de 2026.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Girlaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

S237d Santos, Jhonan Luiz Andrade dos.
Decadências urbanas: ensaios de uma ontologia em ruínas / Jhonan Luiz
Andrade dos Santos. – 2026.
166 f.: il.

Orientador: Lázaro Batista da Fonseca.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Psicologia. Maceió, 2026.

Bibliografia: f. 162 - 166.

1. Ontologia. 2. Ruínas. 3. Decadência. 4. Cidades. I. Título.

CDU: 111.1

AGRADECIMENTOS

Aos que dispõem desse texto em mãos, saibam que a seção de agradecimentos é o último fragmento da dissertação que está sendo escrito. Não por negligência ou banalidade, mas pela intuição de que estas palavras precisam de certo cuidado, elaboradas numa velocidade diferente daquela que constitui a reta final do Mestrado. Gosto, e em certa medida até prefiro, acreditar na afirmação feita nas terras de além-mar, de que qualquer nome que assina um texto é mera formalidade institucional. Se todos que atravessam esta dissertação estampassem-lhe a capa, certamente não haveria equívoco, mas tampouco passaria batido pelo pente fino das normativas acadêmicas, de modo que aqui me demoro nos vários nomes que assinam o texto junto ao meu.

Com o peito varado de saudade, agradeço à família que nesse momento está em Sergipe, incentivando minha saída de casa às Alagoas. A seu modo, cada um trouxe um respiro diferente. Tia Meire, Ellen, Julico, Rômulo, Davi: o apoio indireto, as chamadas de vídeo, as risadas e as palhaçadas foram de uma trivialidade fundamental à permanência nesse Mestrado. Agradeço à Nadja Ivone, essa mãe que inicialmente se assustou com a ida do filho a terras desconhecidas, mas que na travessia se abriu ao desmonte desse medo, para enfim inventar algo novo pelas bandas de uma capital por ela tão amada. Paradoxalmente, o ímpeto em sair do estado sergipano ao longo desses dois anos, causando-lhe angústias e lágrimas no rosto, veio desse furor que você mesma me ensina a exercer: bate no peito e vai, meu filho.

Agradeço também às professoras e aos professores que apareceram no meio da estrada, e de maneira misteriosa, mesmo distantes, continuam a me formar. É difícil e um tanto infértil elucubrar pode onde eu teria caminhado sem essas pessoas atravessando o rumo das ideias, mas às vezes é irresistível e não consigo me furtar de pensar: que seria de mim se Jane Eyre, lá pelos tempos do ensino médio, não tivesse feito a loucura de abrir mão do ensino instrumentalizado e entristecedor de redações genéricas para o Enem, para nos fazer ler Os sertões, O sumiço da Santa e uma ruma de livro de literatura brasileira? Por quais estradas eu teria andado, se Kleber, na primeira aula de uma turma de primeiro período de psicologia, não tivesse sugerido levar um trecho de literatura, música, poesia para iniciar cada aula, causando-me um assombro tão intenso que até hoje reverbera em mim? O que teria acontecido se ele não tivesse passado aulas a fio discutindo um texto de Luís Antônio Baptista, fazendo-me encontrar com uma tradição estranha cuja relação parece se adensar a cada ano que passa? Como diacho eu conheceria Helmir, se não tivesse me matriculado por impulso naquela disciplina mista com a pós-graduação levada por ele, Michele, Sandra e Marcos? Que impressões eu teria do fazer docente se Bruno Gama não tivesse topado aceitar um estagiário em docência, de supetão, de volta à casa? Como disse, é infértil querer saber, mas as perguntas são menos para criar uma resposta,

que para agradecer pelo trabalho de vocês. Sabe lá como é possível essa profissão da docência movimentar tanto, mas a danada movimenta, obrigado.

À galera do ensino médio que acompanhou minha entrada na UFS, e tem vibrado com a caminhada que tenho trilhado, também lhes agradeço. Estou falando de Elisama, Thifany e João Victor: vocês me trazem as melhores memórias de um colegial que me formou um bocado, conferindo nuances à experiência universitária atravessadas pelo nosso jeitinho estudantil de se relacionar com a escola, o estudo, as amigas e as professoras. Desde lá, havia um modo de compor com a vida que extrapolava a sala de aula e a mera comunicação do conteúdo: isso foi fundamental, lhes garanto. Gisellen, Giulia, Amanda, Eluíza, Laura e Sara, um muito obrigado temperado pela sorte de tê-las encontrado nesse mundo velho sem porteira. Entre andanças de bicicleta nas bibocas mais escusas de São Cristóvão, noites de jogos e viagens para congressos, encontrar vocês é de uma alegria que não ousa jamais deixar de cultivar: é amizade que produz gargalhada, isso não é pouca coisa.

Se até aqui vocês estão de saco cheio, achando que me prolongo por demais, sinto muito, mas, creio que a seção dos agradecimentos é um modo de fazer emergir histórias que descabem no texto, mas que são fundamentais à existência dele. Por isso não é banal lembrar de quando saí de Sergipe, em busca de um novo lar pelas bandas desconhecidas das Alagoas... era noite alta, o ar condicionado do busão torando, um frio da pêga. Enquanto cruzava a fronteira madrugada a fora, em busca de uma casa para morar, uma amiga da juventude de minha mãe me recebeu durante alguns dias. Abriu as portas de sua casa a mim, o filho desconhecido de alguém que ela não via há anos, me dando dicas de como pegar ônibus e conferindo-me o tempo necessário para encontrar um canto em que eu pudesse me encostar. Bia, muitíssimo obrigado.

Maceió recebeu um rapaz muito do assustado, caminhando por bairros sob um sol tão escaldante que, às vezes, eu tinha que usar um guarda-chuva para amenizar a intensidade da luz. Esses bairros por onde andei na primeira semana não tinham nome, rosto ou qualquer familiaridade, mas enquanto escrevo estas exatas palavras atestando esse abismo de não-saber, a distância é tão absurda que muito me alegra perceber como esse território conseguiu incrustar em mim um mapa, uma geografia, uma corporeidade, uma afetividade que me fazem lembrar de como qualquer cidade é bela e possível de viver, basta nos abirmos a ela.

Foram muitas as surpresas e encontros inusitados tecidas nessa cidade... a primeira se desenha no ônibus, quando eu ia enfim conhecer o cinema local da parte baixa, e aquela menina da turma de Mestrado, por coincidência, pegou a mesma linha naquele mesmo horário. Assim que ela cruzou a catraca [dupla!] do busão, nos reconhecemos de vista, trocamos uma ideia, e uma amizade brotou com a leveza de uma pena levada pelo sopro do vento. Gisele, você foi a

primeira pessoa que pude chamar de amiga em Maceió, e ela nasceu de um acaso fortuito, pelo amor ao cinema. Isso é lindo demais.

Às vezes me pergunto o que aconteceria, se ao fim de uma aula qualquer, eu não tivesse trocado uma ideia com o professor de Fundamentos, só para, na saída do Instituto, encontrar aquela outra moça de nome Raíssa, que eu só conhecia de rosto, mas que ainda assim provocava em mim a sensação de que nós dois deveríamos conversar. Ao perguntar como estavam as aulas, essa moça riu de nervoso e disse que era uma loucura, o bate-e-volta para Garanhuns a cada aula era caro. Foi quando ofereci o apartamento que tinha conseguido arranjar, para os dias que ela viesse a Maceió, até as coisas se ajustarem. Essa conversa aparentemente desimportante foi a semente que mais a frente levou à convivência de dois anos, quando Raíssa se mudou para cá e passamos a morar juntos. Nunca tinha tido a experiência de conviver com alguém que não fosse um familiar, tão próximo dos problemas e alegrias do universo acadêmico, tão compartilhante do b.o. que é escrever uma dissertação. Foi outra amizade que surgiu de um acaso fortuito, e tenho pra mim que vai durar... obrigado pela parceria, Raíssa, desbravar essa cidade ao seu lado foi diferente de quando estava sozinho. Isso também é lindo demais.

Mylene e Samuel, as irmãs alagoanas com quem criamos uma patotinha inusitada, de gostos, jeitos e gestos tão diferentes, que acho mais que bonito a existência de nosso grupinho, cujas conversas jamais podem vazar, diga-se de passagem. Obrigado pelas noites de vinhos, de jogos e de apenas ficarmos sentados até tarde da noite trocando ideias, batendo papo e fazendo uma das coisas mais lindas que podemos fazer no absurdo que é nosso mundo: criar uma amizade. Pense na alegria que tenho de tê-los encontrado!

E por falar em amizade, alegria e alagoana, clarinho que esse moço teria de aparecer... aquele que é das terras caetés, que veio do lugar mais açucarado de Alagoas [quem nasce em pão de açúcar é açucarado!], mas também do azedado [limeiro é o povoado]. É aquele moço lá, com a estante de literatura que eu sempre quis roubar os livros, um companheiro de orientação, um amigo que me chamava para conhecer os cantos da cidade, levando-me em viagens de trem que desencaminharam a pesquisa em estradas que eu jamais ousei ser possível enveredar. Seu Alexandre, teje dito, você mobilizou tanto a escrita desse texto que sem as conversas no boteco perto da sua casa, e aquelas minhas voltas para o Tabuleiro dos Martins de bicicleta, um tanto bêbado [confesso que em plena madrugada], borbulhando ideias interessantes nascidas de nossos papos, esse texto certamente seria outro.

Eu não saberia precisar quantas versões da dissertação foram escritas. Efetivamente, várias. A cada tentativa, sempre esperava com frio na barriga os retornos de Lázaro, curioso para saber o que ele achava das apostas que eu fazia escrevendo. Era curiosidade genuína, pois

sabia que o mais interessante não era o texto estar impecável, mas deixar-se levar pelo movimento que desde a primeira vez que o vi fazer, na banca de monografia de Sara, me fez enxergar a beleza da relação criada entre um professor e um aluno que pesquisam: conversar, especialmente com o pensamento inscrito nas palavras. A escolha por esse sergipano-alagoado para compor a pesquisa foi um tiro no escuro, mas olha: ôh tiro bem dado! Eu realmente preciso agradecer ao cuidado com o qual esse cara, institucionalmente chamado de orientador [risos], caminhou junto comigo nesses dois anos de Mestrado, editando o texto, desfigurando, desencaminhando, abrindo espaço para que eu pudesse ensaiar e pirar. Obrigado, meu caro Lázaro. Agradeço também à banca pela gentileza da leitura: Helmir, Danichi, Saulo, Simone. Valeu por interromperem o andamento da vida de vocês, para acompanhar a passagem dessa travessia nos instantes em que ela se fazia escrita. Alguns apontamentos levados nesses dois momentos pontuais da qualificação e da defesa ainda continuam reverberando, isso é bom demais.

Estou chegando na reta final deste agradecimento equivocadamente grande, mas não é possível concluí-lo sem falar de Lucas, o aroma que exala de qualquer coisa que eu escrevo. Desde que o conheci, não há nada que eu produza que não seja interpelado pelo seu amor. Muito obrigado por todo o companheirismo e alegria que me animam a seguir vivendo e achando bom, pois não consigo vislumbrar um modo de viver/pesquisar/escrever que não seja atravessado pelo exercício de amar. Não há qualquer menção específica, e os poucos leitores desse trabalho jamais saberão, mas acho que esse é o melhor jeito de te “citar”. Lucas leu, mexeu e escreveu junto comigo as passagens que julgo mais engraçadas destes ensaios, porque ele é assim mesmo, arranca sorriso numa facilidade que me custa a acreditar. No modo como ele aparece nessa escrita, acredito que ele fará vocês rirem também.

Sei que já está tarde, mas me sentiria bastante mal se não agradecesse à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), ao Programa de Pós-Graduação e ao Instituto de Psicologia. Vocês receberam um forasteiro em gestos tão calorosos, que me fazem separar um cantinho só para os agradecer. Não é mera formalidade. Aos docentes, aos jardineiros e auxiliares de limpeza que deixam a entrada do IP mais colorida, ao pessoal da secretaria que viu um rapaz mais perdido que virgem em suruba preocupado em como se sustentar em Maceió, batendo na porta em dias diferentes da mesma semana, enviando dezenas de e-mails, pedindo ajuda. Obrigado por me receberem tão bem, de coração.

Agradeço também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), pela oportunidade de pesquisar/viver dois anos sem as urgências que acossam a esmagadora maioria de brasileiras e brasileiros que precisam dar seus corres para ter o mínimo nesta terra

tropical de tantas durezas. O fomento financeiro foi fundamental à qualidade dessa pesquisa. Por isso também agradeço às brasileiras e brasileiros que sustentam as universidades públicas deste país, dentre os quais estão a minha própria família e às milhões de tantas outras que eu sequer conheço e conhecerei, mas que estão na labuta de seu ganha-pão levando adiante essa política de ensino que, apesar de todos os paradoxos, acredito com a maior alegria. Viva a universidade pública!

Esse agradecimento já está grande pra cachorro, e sei que a grande maioria da mínima minoria de pessoas que lerão a dissertação sequer encostarão o olho nestas palavras, mas ainda falta agradecer [acabe logo menino!] à vendedora de moqueca de folha de São Cristóvão, ao menino que vai dar grau em Maceió, e à estudante que escreveu o caderno de reminiscências em Rio Largo. Obrigado por abrirem margem a esse mistério lindo de escrever e inscrever-me com a cidade. Foi de um prazer e de um divertimento que eu ainda não tinha experienciado, e não se outro texto acadêmico irá produzir isso novamente.

Só pra acabar [agora vai!], devo dizer que a pós-graduação tem passado assim: ligeira mais que rápida. Me aventurar nesse Mestrado nas terras alagoanas certamente foi uma viagem ao desconhecido, mas cá estou agora: definitivamente um alagoado! E deu bom. E tem dado bom. E espero que dê bom... ainda mais.

Aos que estão e aos que não estão por aqui, muito obrigado.

RESUMO

Essa dissertação é uma interrogação ao nosso tempo. Tomando as ruínas enquanto plano de experiência, o texto concebe uma ontologia crítica operacionalizada na montagem dos fragmentos de três cidades: São Cristóvão (SE), Maceió (AL) e Rio Largo (AL). Ao fazer das imagens operadores analíticos de uma modernidade efêmera e transitória, entrelaçamos espaço urbano e fabulação, lançando mão do exercício ficcional da escrita como dispositivo estético-metodológico. Para tanto, recorreremos à figura de um apanhador de ruínas que inventa triplos ensaios poético-críticos, construídos na experimentação em declínios citadinos. Na potência de um escrever fragmentar, arrancamos restos desimportantes oferecidos ao cotidiano, apostando na decadência como tática de luta diante dos perigos do progresso e suas promessas.

Palavras-chave: decadência; ruínas; cidade; ontologia.

RESUMEN

Esta disertación cuestiona nuestro tiempo. Tomando las ruinas como plano de experiencia, el texto concibe una ontología crítica operacionalizada en el ensamblaje de fragmentos de tres ciudades: São Cristóvão (SE), Maceió (AL) y Rio Largo (AL). Al convertir las imágenes en operadores analíticos de una modernidad efímera y transitoria, entrelazamos espacio urbano y fabulación, utilizando el ejercicio ficticio de la escritura como dispositivo estético-metodológico. Para ello, recurrimos a la figura de un coleccionista de ruinas que inventa ensayos poético-críticos triples, contruidos en la experimentación con la decadencia urbana. Mediante el poder de la escritura fragmentada, extraemos vestigios insignificantes ofrecidos a la vida cotidiana, apostando por la decadencia como táctica de lucha contra los peligros del progreso y sus promesas.

Palavras-clabe: decadencia; ruinas; ciudad; ontología.

LISTA DE FOTOGRAFIAS¹

Moqueca de folha, São Cristóvão	49
Prédio residencial em estágio de demolição no bairro do Pinheiro, Maceió	57
Entrada/saída da feiravelha, esquina com a lateral da capela, São Cristóvão.....	59
Restauração do sobrado do balcão corrido na Praça da Matriz, São Cristóvão	69
Praça São Francisco em noite sem estrelas, São Cristóvão.....	71
Chaminé carcomida da antiga vila operária, Rio Largo.....	84
Pixos de uma casa em Bebedouro, Maceió	87
Tampa de bueiro da antiga vila operária, Rio Largo.....	96
Ruínas da praça Lucena Maranhão em Bebedouro, Maceió.....	98
Cemitério Santo Antônio em Bebedouro, Maceió.....	107
Pixo de uma casa abandonada em Bom Parto, Maceió	110
Ruínas das residências da antiga vila operária, Rio Largo	118
Praça da Matriz, São Cristóvão.....	122
Ruínas do Grupo Escolar Gustavo Paiva, Rio Largo.....	131
Varal de roupa e cadeiras em casa remanescente da antiga vila operária, Rio Largo ...	134
Trem deixando a estação, Rio Largo	145
Placa de trânsito nas ruínas de Bebedouro, Maceió	147

¹ Todas as fotografias listadas acima são de acervo pessoal.

SUMÁRIO

PRIMEIRO MOVIMENTO	13
SEGUNDO MOVIMENTO	18
TERCEIRO MOVIMENTO	23
SONATA URBANA	27
RISCOS ÉTICOS-POÉTICOS-POLÍTICOS	33
um apanhador de ruínas	33
um inventor de escritas	42
SÃO CRISTÓVÃO	48
nascida e criada nessas ruas	49
a feiravelha é rua de mão única e esse caixão não vai passar!.....	59
por quem dobram os sinos?	71
MACEIÓ	86
bairro fantasma: perigo!.....	87
a gente foi feliz aqui.....	98
seu polícia	110
RIO LARGO	120
caderno de reminiscências [I. rio largo não tem fundo].....	122
caderno de reminiscências [II. ruas de outrora].....	134
caderno de reminiscências [III. freios de emergência]	147
ESTAVA SÓ DE PASSAGEM	159
REFERÊNCIAS	163